O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E SUAS LIDAS

IVONE ASSIS BRAZ

RESUMO

Este artigo científico é elaborado a partir de uma demanda que surge contrapondo a baixa qualidade na formação de novos professores universitários, desprovidos de uma boa formação inicial e sobretudo de formação continuada. Segundo Gimeno Sacristán(1999), o professor que busca seu aperfeiçoamento em se aprimorar como bom profissional com as competências necessárias para exercer essa qualificada e empolgante profissão deve pautar em aspectos como dedicação, formação e ser, para o resto de sua carreira, alguém que reflita em suas ações e que vá sendo formado gradativamente descobrindo seus próprios métodos pela a prática do dia a dia na relação com seus alunos em sala de aula embasado sempre na legislação vigente. À medida que a pesquisa foi sendo desenvolvida, novos elementos foram corroborando a uma visão dentro e fora da sala de aula, mostrando que a teoria não vive sem a prática, e que o seu melhor professor passa a ser sua própria vivencia diária, através de suas ações adaptadas no seu jeito de ser. Para Sacristán(1999), se não houver reflexão o processo ensino aprendizagem se compromete dando lugar a certos hábitos inconscientes chamado que por sua análise não é nada bom em que muitas de suas ações passam a ser induzidas de forma mecânica e sem a análise preparatória necessária. Por isso todas as informações contidas nesse trabalho trazem a consciência da necessidade de uma boa formação nos parâmetros legais não só inicial, mas principalmente, das competências necessárias para haver lucidez durante o trabalho educacional do professor universitário. A partir de todo caminho em busca ao aperfeiçoamento do potencial necessário na descoberta desse conhecimento é que se vai desenvolvendo uma prática refinada na arte de ensinar; as dificuldades iniciais são, sem dúvidas enormes, mas sem errar, toda a expectativa e vontade de acertar gera uma força de mudanças em direção ao alvo certo, pois lutar em busca de um alvo errado é um tempo que não volta mais, mas lutar no rumo das perspectivas de uma educação amparada por leis e princípios não só edificantes a todos, como prepara o alicerce do edifício de sonhos de um projeto infalível, pelo menos do ponto de vista científico, humano e ético.

Palavras-chave: Formação inicial e continuada; vivência diária; reflexão na prática; lucidez.

ABSTRACT

This scientific article is prepared based on a demand that arises due to the low quality in the training of new university teachers, lacking good initial training and, above all, continuing training. According to Gimeno Sacristán (1999), the teacher who seeks to improve himself as a good professional with the necessary skills to exercise this qualified and exciting profession must focus on aspects such as dedication, training and be, for the rest of his career, someone who reflect on your actions and gradually develop your own methods through day-to-day practice in your relationship with your students in the classroom, always based on current legislation. As the research was developed, new elements corroborated a vision inside and outside the classroom, showing that theory cannot live without practice, and that your best teacher becomes your own daily experience, through your actions adapted to your way of being. For Sacristán (1999), if there is no reflection, the teaching-learning process is compromised, giving rise to certain unconscious habits called which, according to his analysis, are not good at all, in that many of their actions start to be induced mechanically and without the necessary preparatory analysis. . Therefore, all the information contained in this work brings awareness to the need for good training in legal parameters, not only initially, but mainly, in the skills necessary for lucidity during the educational work of university professors. Along the way, in search of improving the potential necessary to discover this knowledge, a refined practice in the art of teaching is developed; the initial difficulties are, without a doubt, enormous, but without making mistakes, all the expectation and desire to get it right generates a force of changes towards the right target, because fighting in search of a wrong target is wasted time that will never come back, but managing towards the hope of an education supported by law and solid principles not only edifies everyone, but also prepares the foundation for the edifice of dreams of an infallible project, at least from a scientific, human and ethical point of view.

Keywords: Initial and continuing training; daily experience; reflection in practice; lucidity.

INTRODUÇÃO

A educação tem sido palco de muitas discussões na sociedade, tanto por intelectuais quanto por pessoas simples. Todas

elas com o mesmo ponto de vista: a educação não vai tão bem a começar pelo desinteresse dos alunos, por faltar boa base na formação inicial dos professores, por não haver estímulos e reconhecimento do trabalho dos educadores e por não haver valorização digna no plano de carreira.

O tema tratado nessa pesquisa implicará em uma abordagem importante quanto a possíveis descobertas feitas pelo professor em situações de desafios em sala de aula. Ele vai perceber que nem sua formação inicial nem a conclusão do curso pós-graduação de docência para ensino superior o capacitará suficientemente a ponto de dominar uma classe de alunos com problemas em sua base fundamental de educação e muitos discriminados pelo baixo índice cognitivo e emocional.

Em busca do desenvolvimento desse conhecimento é que vai se desenvolvendo uma prática refinada na arte de ensinar; no início as aulas não atingem aos desejos reais por trazerem no bojo muitas teorias e pouca prática e falseando expectativas não muito condizentes com a realidade vivida em sala de aula, mas com o passar do tempo a própria vivência diária passa a ser seu próprio professor, haja vista que nenhum professor é assistido por outro como suporte em seus primeiros passos como acontece na medicina, na qual um aprendiz cirúrgico acompanha o médico cirurgião professor experiente durante todo processo de aprendizagem até sua plena capacitação e autonomia. Na educação, o professor deve e pode até ser um bom pesquisador, mas o verdadeiro domínio da arte de ensinar vai acontecendo na práxis do dia a dia, crescendo lentamente, baseando-se em testes e verificação dos resultados obtidos. Sempre na busca de uma constante, quase que um ritual harmonioso nessa relação com os alunos.

Dentro desse aspecto o professor é convidado a fazer reflexões profundas em suas ações, principalmente em meio às dificuldades enfrentadas na sala de aula, onde as necessidades de mudança concorrem a um cenário não muito apropriado de aprendizagem em sua maioria das vezes.

Falar de um tema tão importante nos dias atuais sobre o papel e a responsabilidade do professor de nível superior requer visão prática e sensibilidade quanto ao grande desafio que ele terá que enfrentar na descoberta de novos rumos e resultados educacionais com fórmulas não prontas e acabadas, que requer muita transpiração e às vezes pouca inspiração, teoria. Falar do papel do professor e de suas responsabilidades é falar dos desafios que se enfrenta na sala de aula no mundo de hoje, onde o respeito e dedicação passaram a ser adjetivos de pouca importância.

Quer-se ressaltar nesse trabalho os cuidados fundamentais na relação professor e aluno, cujo tema na atualidade tem sido muito discutido, mas com poucos frutos produzindo certas dúvidas quanto aos deveres e direitos que se estabelece nessa relação, onde muitas vezes o foco é desviado para pontos de pouca importância.

O presente artigo contribuirá com uma boa crítica dentro do domínio do papel do professor em face de seus próprios desafios e suas descobertas. A pesquisa simplesmente apontará um caminho a partir de vivencias que deram certo no seu dia a dia deixando a cargo do professor a parte mais nobre, suas descobertas e seu aperfeiçoamento pessoal, contando, é claro, com o protagonismo do aluno, imprescindível a uma aprendizagem de qualidade.

DESAFIO DA FORMAÇÃO INICIAL

É de senso comum que o professor sai do magistério ou licenciatura despreparado a lecionar ou, de alguma forma, parcialmente incapaz de lidar com uma classe de cheia de alunos com sérias dificuldades cognitivas e afetivas. É uma realidade triste de acreditar, em que não se percebe que dentro do próprio projeto político pedagógico existem cláusulas da própria LDB exigindo a busca de formação desses mesmos professores que ingressam e que, segundo Veiga(2000), as universidades deveriam ter como papel o empenho máximo na parte formativa, estimulando e gerando condições humanas para que o professor universitário se prepare bem para o exercício do magistério.

Ao terminar um curso de formação em docência para nível superior ou mestrado, o professor, ao se deparar com a realidade de uma sala de aula desinteressada e sem base suficiente para progredir em seus estudos, tende a descobrir por si mesmo caminhos alternativos através daquilo que aprendeu em sua formação inicial.

Como o tempo de formação acadêmica para lecionar é curto e muito teórico, o professor acaba descobrindo, na prática, uma nova forma de aprender, ensinando. A teoria se mescla à prática formando um só bloco de evolução em sua escalada de conhecimentos através de tentativas e erros até descobrir uma forma mais adequada com seu jeito de ser. Na visão de Lortie(1975), os professores revelam que o seu principal professor se manifesta na experiência vivida; ele aprende a ensinar através de ensaios e erros na sala de aula. Aquilo que eles visualizam como processo de aquisição, são práticas testadas pessoalmente, não um refinamento ou aplicação de princípios de instrução geralmente válidos.

A partir de todo movimento de internalização desse conhecimento é que se desenvolve a habilidade refinada da arte de

ensinar; a princípio com muitas palavras carregadas de conceitos teóricos e filosóficos, e com o passar do tempo, transformada em ações adquiridas no entrelaçamento contido nas relações humanas professor-aluno. Todo aperfeiçoamento é baseado em testes e verificação dos resultados buscando sempre encontrar o equilíbrio de uma aprendizagem de qualidade.

Portanto, o que era problema na formação inicial transformou-se em ferramenta fundamental a uma nova postura didática vivencial dessa profissão. É claro que a insegurança e o despreparo geram, inconscientemente, uma reação natural de vencer pela superação conquistando a cada passo dado uma nova forma de fazer o novo.

Mossoni (2001) mostra que há um campo silencioso na LDB quanto à formação didática do professor determinando que, ao professor, basta ter competência técnica para propiciar a profissão, deixando a lei margem em sua interpretação. Quanto ao princípio fundamental da legalidade, aquilo que a lei não explicita de forma clara e sucinta não pode ser aplicada ao pé da letra, necessitando de análise jurídica mais especializada no assunto. Em análise, a lei não deixa dúvida quanto à avaliação, onde filtra em detalhes uma forma apropriada em acompanhar a evolução na formação do aluno.

As universidades do Brasil e de boa parte do mundo ainda não encontraram uma fórmula para preparar o professor a sair de sua formação superior pronto para dar aula. O que se observa na realidade é uma formação restrita somente a disciplina a ser ensinada, que constitui uma limitação, limitados não só de bons e práticos laboratórios como de pessoas especializadas no assunto. Da mesma forma a pós-graduação passa a ser um espaço de formação de bons pesquisadores, mas com pouca performance na práxis educativa.

Portanto é imprescindível ocorrer a fusão do pensar teórico com a ação. Uma coisa não vive sem a outra. Isso significa dizer que o professor universitário além de ser pesquisador e teórico deve se revestir de uma prática continua reflexiva, pensar não por pensar, mas pensar direcionando seu foco a descobrir novas vias em atuar de forma consciente e autônoma criando seus próprios mecanismos de ensinar a partir do que se ensinou anteriormente, e aprender com aquilo que se ensina em sua vivencia diária.

Há alunos que passaram nos primeiros lugares em provas para atuarem como professores, porém não aguentaram a pressão da sala de aula, justamente por não terem sido preparados emocionalmente para este cargo. Ser professor requer mais do que da teoria acadêmica, requer vivencia empírica.

Para o aluno ser um bom professor é preciso desenvolver habilidades e competências, sendo esta, a constituição de um conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades que capacitam alguém para inúmeros desempenhos na vida. Elas não se aprendem da noite para o dia, nem sentado numa cadeira olhando a lousa; elas enquanto atributos indispensáveis a qualquer um que deseja ser um bom professor precisam ser desenvolvidas com muito esforço.

As habilidades, por exemplo, estão ligadas não apenas ao saber algo, mas ao saber fazer, ao saber ser e ao saber conviver constituindo os pilares da educação. É como alguém que para aprender andar de bicicleta precisa treinar o equilíbrio muitas vezes. Portanto ao se projetar como bom profissional da educação é preciso associar à formação inicial essas habilidades, sobretudo o saber conviver, um dos maiores desafios dos educadores, porque nessa habilidade é que vão atuar as atitudes e valores relacionando-se com os alunos de forma adequada.

Uma crítica apresentada pela diretora do Congresso Internacional em 2011, Priscila Cruz de "todos pela educação" é a de que os estudantes de licenciaturas ou os recém-formados não conhecem o dia a dia das escolas. Por isso, haveria a necessidade de estreitar as instituições formadoras de docentes do cotidiano das escolas públicas como laboratórios. Assim, conforme a consultora do Itau BBA o professor tem que saber o que fazer diante do aluno que não aprende. As universidades devem pensar qual é o currículo que deve atender esses problemas.

Apesar de todos os esforços feito para melhorar a qualidade da educação e das condições de trabalho do professor universitário, o que se apresenta diante do professor são ações e ideias que vão sendo trabalhadas ao longo de sua trajetória como educador, para conseguir ensinar com qualidade, mas quase sempre caminhando sozinho.

A pedagogia do Ensino Superior na formação de professores apesar de toda dificuldade tem progredido em seus conceitos legais e métodos. Com isso, o ensino passa a ser favorável a aquisição de conhecimentos de qualidade. Ela tem contribuído com novos métodos para o desempenho desse papel ativo. Mesmo aquém do que se espera, a atenção principal na ação educativa tem procurado transferir o foco do ensino para a aprendizagem.

No pensamento de Gimeno Sacristán (1999), aprendemos de formas complementares e superpostas, isso significa que a prática habitual é a própria forma de ensinar e aprender com situações cotidianas, realizada com propriedade, embora sem uma ordem definida. Muito embora a preparação para exercer o papel de educador seja espe-

cífica e pessoal, ela não deixa de passar pelo coletivo, pois existe sempre um grupo que partilha o mesmo universo de ideias.

O professor aqui aprende ensinando por mais que no período de estágio o aprendiz esteja ao lado de um excelente mestre. É no exercício de sua prática que expressará o quanto tem de habilidade para realizar tal tarefa. Qualquer profissão se aprende estudando, como por exemplo, um médico não pode realizar as primeiras cirurgias sozinho, há sempre um professor na área a seu lado que vai o orientando. No entanto, não é o que se observa na área da educação: o professor sem nenhuma experiência é lançado praticamente numa jaula de uma sala de aula, em que o processo cirúrgico acaba sendo quase sempre doloroso.

A ROTINA DE UMA PROFISSÃO DESAFIADORA

O professor muitas vezes faz o seu agir de forma um tanto inconscientemente. E essa inconsciência decorre de hábitos viciosos de ações no dia a dia, automatizando sua rotina, assim como ocorre com nossas emoções e até mesmo as nossas reações psíquicas. Essa automatização na improvisação, principalmente quando não se prepara adequadamente uma boa aula é denominada de habitus por Perrenoud (1998,1999), que se expressa de ensinos mecânicos, numa rotina que não exige saberes nem de uma boa preparação de material para dar aula. Segundo o autor a improvisação é regida por esquemas de percepção, de decisão ao quais pouco mobilizam o pensamento racional do professor.

Durante seu ofício, o professor realiza várias rotinas. O professor até tenta empregar numa aula seu conhecimento e técnicas, mas o habitus acaba interferindo nessas ações, é como se sintonizasse uma estação de rádio com outra entrando junto. Mesmo planejando certinho uma sequência didática, uma parte dessa ação é controlada pelo habitus, que foge da lógica natural produzindo incidentes no próprio comportamento do professor.

O professor inexperiente que normalmente se sente só e apanhado de surpresa em algumas aulas reage em função do hábitus muitas vezes, e que só com o passar do tempo é que ele vai se sentindo seguro com confiança suficiente para que nestes momentos consiga manter-se lúcido no seu conteúdo.

Portanto, para minimizar o seu efeito na prática pedagógica são proporcionados alguns caminhos favorecedores da tomada de consciência e das transformações do habitus.

A prática reflexiva denominada como prática consciente como grau de realização promovendo um ritual sadio que proporcione auto-observação.

A mudança nas representações e nas práticas: ao descobrirmos que o sorriso, menear a cabeça, virar-se, têm diferentes significados em outras sociedades, aprendemos sobre o significado dessas ações na nossa sociedade. Com isso, um professor pode perceber que uma simples atitude tomada pode gerar mudanças no comportamento dos alunos. Um bom exemplo é relatar e ouvir relatos de colegas sobre atitudes de alunos e os efeitos disso na atitude do professor.

A observação mútua: a estratégia de observação dos pares apresenta vantagens de perceber que todos precisam se aperfeiçoar. Na crítica construtiva do colega, o observador será, em outro momento, o observado.

A escrita clínica: escrever sobre sua prática é uma maneira de falar de si mesmo ou de se dirigir a outros. Pode ser um diário, relatar incidentes no percurso ou situações desconcertantes. A escrita vai aos poucos organizando o pensamento.

A vide formação: ser filmado dando aula. Um vídeo é mais eficaz do que qualquer discurso, mas é uma prova rude daí a resistência de muitos educadores.

Daí a importância de se incluir o estudo sintetizado do habitus nesse trabalho científico.

FORMAÇÃO PARA TODA VIDA

Desde que a educação existe, acreditou-se que o papel fundamental do professor era o de ensinar. E provavelmente a maioria das pessoas ainda pensa assim. Mas há um pensamento comum entre os especialistas em educação. Para os educadores que se baseavam às idéias de (Carl Rogers, 1986), por exemplo, o principal papel do professor não é o de ensinar, mas o de ajudar o estudante a aprender. Ele sustentava o pensamento de que o organismo humano, assim como todos os outros, incluindo plantas, tem como fim sua autonomia, ou seja, no caso particular dos seres humanos, a capacidade de estar sempre em processo constante de atualização aberto a novas experiências, desenvolvendo aquilo que se aprende com o auxílio do professor, (Rogers, 1986).

A realidade no ensino superior hoje exige um profissional com diferencial profissional comparados com aqueles que eram exigidos no passado. A atividade educacional no ensino superior não pode ser elaborada apenas por especialista que busca interesse financeiro como forma de complementar seu salário. Não deve, também, ser exercida

por pessoas que buscam status de professor universitário ou que dão aula porque vêem a atividade como uma atividade prazerosa depois de um dia de trabalho árduo. O que se espera é que ele seja um educador competente, que consiga mobilizar um conjunto de recursos intelectuais para solucionar com eficácia uma série de situações ligadas a contextos culturais e sociais (Perrenoud, 2001).

São competências encerradas não como dons naturais das pessoas, mas como aquisição ou aprendizados constituídos aos poucos conforme falado anteriormente. E somente vão se manifestar por meio de aprendizados que não ocorrem espontaneamente, mas são produzidos ao longo de muito tempo e com muito esforço. Infelizmente, nem todo tem a mesma capacidade de desenvolvimento, justamente por não ter a mesma visão no processo educacional e seus meandros em realizá-los. Logo, sem as competências especificas nessa área tornar-se-á um tanto difícil realizar a tarefa de educador devido a sua complexidade. Não que o pleno desenvolvimento dessas habilidades seja menos importante em outras áreas profissionais, aqui elas serão extremamente relevantes na formação de médicos, engenheiros e pessoas que podem fazer a diferença na sociedade.

No mundo acadêmico de hoje o que mais interessa é a busca de uma mentalidade científica, que se interessa em pesquisar o desenvolvimento das competências e capacidades de análise, síntese e avaliação. Com todas essas habilidades, portanto, ele poderá desenvolver o papel de formador de seres humanos preparados para viver em sociedade como bons trabalhadores e bons cidadãos. Por isso, o professor deixou, há muito, o papel central na ação educativa, valorizando o aluno como protagonista em suas ações na construção de valores materiais e, principalmente, humano.

Perrenoud enaltece e muito professores capazes de trabalhar em equipe (Perrenoud, 2000), num desafio contínuo em viver em colaboração com seus pares, dirigindo situações de aprendizagens capazes de proporcionar sua própria formação continuada renovando seus métodos e conteúdos gerando novos conhecimentos científicos.

Portanto é fundamental mudar o foco do ensinar para o aprender, pois ninguém é produto pronto e acabado, aprende com seus pares, seus alunos, com a família, com a vida,etc. É importante ressaltar aqui o papel do coletivo na formação de grupos de pesquisa como estratégia de boa formação, pois através da troca de informações atualizadas, evita-se o vício da repetição de conhecimentos ultrapassados, e gera-se uma nova motivação em se construir novos paradigmas educacionais para um futuro melhor de nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou mostrar que para ser professor universitário não basta apenas ter um diploma de pós-graduação ou de mestrado, é necessário que ele reflita em suas ações buscando sempre seu aperfeiçoamento profissional. Há que se recobrar o sentido maior de sua formação: formar outras pessoas para a vida, visando não apenas uma formação puramente acadêmica, mas uma formação voltada aos anseios pessoais e profissionais de nossos alunos e da sociedade como um todo.

Cumpre ao professor, portanto, a missão insubstituível de formar novos cidadãos, novos seres humanos capazes de fazer a diferença na sociedade, pessoas que reflitam em suas ações, intelectuais críticos, e não repetidores de conceitos e ideias pré-estabelecidas, capazes de se autoanalisarem com honestidade e sinceridade produzindo seus próprios materiais intelectuais.

A real atitude do professor, finalmente, se dá pelo confronto do não imaginário em sua vivencia diária, transformando todo conhecimento cientifico, adquirido pelas pesquisas e estudos sistêmicos, em matéria prima a ser transformada em desafios na sala de aula, reunindo toda competência necessária nessa prática que vai sendo reconstruído paulatinamente no processo educacional, pois a prática requer tanto inspiração como transpiração, refletindo na ação. Requer descoberta de si mesmo, de seu modo de dar aula; mudança de hábitos e vícios; requer autoridade e por fim, requer humildade e aceitação àquilo que precisa ser mudado.

BIBLIOGRAFIA

GIMENO SACRISTÁN, J. Poderes instáveis em educação. Porto Alegre: Artmed, Rio Grande do Sul, 1999.

MOROSINI, M. C. (org.). Docência universitária e os desafios da realidade nacional. In: Professor do ensino superior: identidade, docência e formação. 2.ed. ampl. Brasília: Plano Editora, 2001.

PERRENOUD, Philippe. Construir as competências desde a escola. Editora Artmed.Porto Alegre,1999.

PERRENOUD, Philippe. O trabalho sobre o habitus na formação de professores: análise das práticas e tomada de consciência. Editora Artmed. Porto Alegre,2000.

ROGERS, Carl (1986), Liberdade de Aprender em Nossa Década. 2ª. Edição, Porto Alegre, Artes Médicas.

VEIGA, I. P. A, CASTANHO, M. E. L. M. (Orgs.). Pedagogia Universitária: a aula em foco.Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.